

SOBRE A RELAÇÃO DINÂMICA DA REALIDADE SUPRA-SENSÍVEL SEGUNDO PROCLO

SUR LA RELATION DYNAMIQUE DE LA RÉALITÉ SUPRASENSIBLE SELON PROCLUS

*Profa. Dra. Francisca Galiléia Pereira da Silva**

*Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen**

*Suelen Pereira da Cunha**

Resumo

O presente artigo tem por objetivo demonstrar porque as relações dinâmicas são imprescindíveis na filosofia procleana. Para tanto, parte-se da problemática da inexistência de movimento na realidade supra-sensível, mostrando que o movimento de processão não diz respeito a um movimento de deslocamento. Defende-se, pois, que não se trata, em Proclo (412 – 485 d.C), de uma sucessão de eventos e nem de uma mudança na substância. Desta forma, após a análise do movimento de processão, parte-se para a consideração do papel das tríades da realidade incorpórea para, só então, verificar a importância das relações dinâmicas na multiplicação e diversidade dos seres. Após ser estudado o papel das tríades, será possível perceber que não é o movimento o responsável pela diversidade, mas a relação dinâmica que a possibilita. Assim, este trabalho se fundamenta nos *Elementos Teológicos* de Proclo.

Palavras-chave

Proclo. Triades. Relação Dinâmica.

Resumé

L'objectif de cette recherche est montrer que les relations dynamiques sont indispensables dans la philosophie proclienne. Alors, il part de la question de l'absence du mouvement dans les réalités suprasensibles, montrant que le mouvement de procession n'est ni une succession d'événements ni un changement dans la substance. Après analyser le mouvement de procession, il fait l'examen de la fonction des triades dans la réalité incorporelle et vérifie l'importance des relations dynamiques dans la multiplication et dans la diversité des êtres. Après l'étude de la fonction des triades, il sera possible comprendre que n'est pas le mouvement le responsable pour la diversité, mais la relation dynamique qui la rend possible. Cet étude est fondementée dans l'oeuvre *Éléments de Théologie* de Proclus (412-485 a. C).

Introdução

Herdeiro da filosofia pagã, Proclo (412-485 d.C) é considerado o último expoente de destaque da filosofia antiga a atuar na escola de Atenas¹. Como neoplatônico, as teses do Bizantino são marcadas pela tentativa de conciliação das doutrinas platônicas, aristotélicas e pitagóricas. Por estar inserido no contexto das escolas da Antiguidade Tardia, os escritos do filósofo são caracterizados por sua sistematicidade. Neste sentido, o pensador, ao expor a passagem da unidade à multiplicidade, não admite passagens abruptas e, portanto, não concebe que do Uno surja, imediatamente, a multiplicidade em sua complexidade, isto é, ele não concebe uma passagem imediata do Uno ao Noûs.

Entretanto, ainda que a passagem do Uno ao múltiplo seja algo fundamental na filosofia procleana, ela encerra um problema. Acontece que Proclo, na realidade supra-sensível, não admite movimento na substância. Diante disto, partindo da ideia platônica de que "*mudança é movimento*"², a diferença entre os seres da realidade imaterial não pode ser explicada. Uma vez que sem movimento não há produção. Assim, para solucionar tal problemática, parte-se da hipótese de que a diferença na realidade imaterial não é o resultado de um movimento de deslocamento ou da própria substância dos seres, mas da relação entre os princípios que os constituem. Para verificar tal hipótese é preciso iniciar a análise com o

¹ Fechada em 529 por Justiniano, de acordo com o decreto que afirma: "*Ninguém que tenha sido contagiado por tais heresias poderá desempenhar grau no exército ou exercer ofícios públicos, nem, na condição de professor que se ocupe de alguma disciplina (...) Proibimos que seja ensinada qualquer doutrina da parte daqueles que são afetados pela insânia dos ímpios pagãos*" (REALE, Giovanni. *Plotino e o Neoplatonismo: história da filosofia grega e romana – vol. III*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2008 p. 206-208). Tal decreto, que afetou profundamente as escolas de vertente pagã, fez com que pensadores da Academia, como Simplicio (490 – 560 d.C.) e Damascius (458 – 583 d.C) fugissem para Pérsia. A fim de dar continuidade aos estudos, permaneceram, por volta de 531/532, na corte de Khussraw I, pois o rei da Pérsia se mostrava simpatizante do pensamento grego. Somente em 533, por ocasião do "tratado de paz eterna" assinado entre os persas e os bizantinos, retornaram ao Ocidente. Sobre a fuga dos pensadores pagãos para a Pérsia, ver: SILVA, Francisca Galiléia da. *AFLATUN: Trajetória e características de Platão na filosofia árabe*. Kairós: Revista Acadêmica da Prainha. Fortaleza. v.9, n.1. Jan-Jun: 2012. pág. 62-74.

² *Parmênides*. 162c.

movimento de processão, pois é por ele que, primeiramente, Proclo explica a saída da unidade em direção à multiplicidade.

1. O movimento de processão

De acordo com a filosofia procleana, a multiplicidade só pode ser pensada se a unidade for pressuposta. Assim, toda multiplicidade participa de tal forma da unidade que a sua não participação implicaria em uma multiplicação infinita, o que seria um engano. Pois, se a multiplicidade não participasse da unidade, ou a própria multiplicidade seria uma ou não-uma, e, no caso de ser não-uma, ou seria muitas ou nada. Admitir que ela é nada é cair num contrassenso, pois como algo (um existente) poderia ser nada? Ou ainda, como pode haver geração se o ser não pode advir do nada? Por outro lado, a tese de que a multiplicidade existe precisa de uma análise cuidadosa, uma vez que afirmar que a multiplicidade é somente múltipla pode levar a aporias, já que sua gênese não seria explicada, fazendo com que se caia numa regressão infinita³.

A regressão aconteceria porque ao sustentar que a multiplicidade é somente múltipla, e não uma, se admite que cada parte que a compõe também é múltipla, de modo que nunca se chega a um princípio. Logo, há uma necessidade de contornar a ideia da regressão *ad infinitum*. Para tanto, o princípio como unidade é posto como indispensável mediante a ideia de que se fossem dois, ou eles seriam iguais ou diferentes. Sendo iguais, se trataria de apenas uma substância, ou seja, seriam um; sendo diferentes, um teria de ser o primeiro, derivando, então, um do outro. Se os dois estivessem no mesmo patamar, nenhum seria o primeiro, o que significaria a existência de algo acima deles que os deu origem. Então, o que pode se perceber é que não importa o caminho seguido, a razão sempre leva a um primeiro que é, fundamentalmente, um⁴. Assim, este Um no neoplatonismo é posto como unidade absolutamente simples, da qual toda multiplicidade participa.

Proclo, então, faz surgir da unidade toda multiplicidade. Esta multiplicação da unidade originária se dá por meio do movimento de processão que é composto por três momentos muito distintos, mas que

³ PROCLUS. *Éléments de Théologie*. Traducion, introducion et notes par Jean Truillard. – Paris: Aubier, 1995. Proposição 1.

⁴ Cf. *op. cit.* Proposição 22.

estão estreitamente interligados. São eles: Processão (προόδος), Permanência (μονή) e Retorno (ἐπιστροφή). Os três momentos se distinguem pelo fato de que, no primeiro (προόδος) há uma separação entre a causa e seu efeito; no segundo (μονή), tem-se que, mesmo que haja a processão, é preciso que o produto permaneça em sua causa e; no terceiro (ἐπιστροφή), o efeito retorne à causa pelo desejo de nela participar. Entretanto, a ligação entre estes eventos não acontecem em uma ordem linear, mas se dão simultaneamente⁵. Posto que, se só procedesse não haveria qualquer comunicação entre o que produz e o que é produzido; se só permanecesse, não haveria produção e, como pode haver retorno sem que haja separação⁶? Portanto, por exigir tanto o sair como o permanecer na causa, o movimento de processão acontece de modo circular.

A processão guarda, então, algumas leis invioláveis que garantem que todas as etapas aconteçam. A primeira lei atesta que toda causa produtiva produz por super abundância de potência. Neste sentido, Proclo sustenta que “[...] *tout ce qui produit demeure tel qu’il est, et, parce qu’il demeure tel, son dérivé procède. C’est donc par la plénitude et la perfection dont il jouit qu’il fait subsister ses dérivés sans se mouvoir ni s’amoindrir*”⁷. A segunda, que está em concordância com a primeira, defende que devido à super abundância de potência, o produtor não sofre nenhuma alteração ao engendrar seus efeitos⁸. A terceira, legitimando todo o momento da processão, defende a tese de que toda produção só se efetiva por meio da semelhança⁹ entre produto e produtor¹⁰.

A menção às leis de processão prepararam o terreno para o esclarecimento da multiplicação das hipóteses por meio da unidade. Isto

⁵ Para Caram, a simultaneidade dos momentos da processão se dá porque, para os neoplatônicos, a categoria da causalidade não envolve uma sequência temporal, ou mesmo a noção moderna de eventos sucessivos, que pressuporia um ‘antes e depois’, já que a relação não é entre eventos, mas substâncias. Cf. CARAM. Gabriela de los Ángeles. *La continuidad ontológica en el pensamiento de Proclo*. THÉMATA. Revista de Filosofía. N° 49, Enero-Junio. 2014, 105-125. Disponível em: <http://institucional.us.es/revistas/themata/49/estudio_6.pdf>. Acesso em 09 Jul. 2015. p.108.

⁶ PROCLUS. *Op. cit.* 1995. Proposição 30.

⁷ *Op. cit.* Proposição 27.

⁸ Segundo Proclo: “*Toute cause qui produit autre qu’elle-même produit ses dérivés et ce qui les suit en demeurant en elle-même*”. *Op. cit.* Proposição 26.

⁹ Cf. Caram. A semelhança em Proclo é a capacidade de manter a característica do ser originário, porém, em um grau menor. CARAM, *op. cit.* 2014. p. 108.

¹⁰ PROCLUS. *op. cit.* 1995. Proposição 28-29.

porque, de acordo com tais leis, o produtor é sempre superior a tudo o que vem depois dele, tendo em vista que não sofre qualquer diminuição assegurando, assim, a continuidade do movimento e permite que aquilo que é produzido seja semelhante¹¹ ao produtor. A semelhança se dá desta forma porque o ser do produzido advém do próprio produtor, ao dar ao produzido da sua própria substância. Neste sentido, o Diadoco sustenta que “*Tout dispensateur qui agit par son être (τὸτῷε' ναιχορηγοῦν) est lui-même de façon primordiale ce qu'il communique aux bénéficiaires de ses dispensations*”¹². Partindo de tal proposição, o sucessor do pensamento platônico demonstra no que consiste a semelhança entre causa e efeito. Ainda é preciso, contudo, apontar as implicações da semelhança no movimento de processão.

Quando se fala em semelhança, a primeira coisa a ser vista é que, na processão, o que se revela no efeito é a própria manifestação da causa, uma vez que, como mencionado, o produto possui o mesmo ser do produtor, dado que ele é a continuidade ontológica da sua causa. A semelhança leva o produto a desejar retornar ao produtor, pois só na causa, que é superior, pode encontrar perfeição. O desejo de retornar só existe porque há uma comunicação ininterrupta entre eles. Tal comunicação é também conexão que, na processão, estrutura o cosmo, permitindo que a causa esteja sempre em contato com seus efeitos. Deste modo, o movimento acontece de modo circular, no qual o efeito sai da causa ao mesmo tempo em que permanece nela e a ela retorna em um ciclo interrupto, onde o princípio e o fim são o mesmo. Sobre isto, Proclo assevera:

Tout être qui procède d'un principe et se convertit vers lui a une activité cyclique. Si cet être se convertit vers ce dont il procède, il fait coïncider sa fin avec son principe et son mouvement est unique et continu, qu'il s'écarte du repos originel ou qu'il s'y rapporte. C'est pourquoi tous les êtres accomplissent un processus cyclique qui va de leurs causes à leurs causes. Il est des cycles plus amples et il en est de plus court, selon que les conversions se portent aux causes immédiatement supérieures ou à des plus élevées jusqu'au principe universel¹³.

¹¹ Platão define semelhança como aquilo que é outro mas imita o objeto ao qual é semelhante a fim de conservar sua beleza. No entanto, o faz mudando de proporção. Cf. Platão. *Sofista* 136 a.

¹² PROCLUS. *op. cit.* 1995. Proposição 18.

¹³ *Op. cit.* Proposição 33.

Na processão, a semelhança vem em primeiro lugar, sendo ela quem proporciona a conversão e permanência do causado na causa. Todavia, não há multiplicação, somente com semelhantes, pois, neste caso, o que diferiria o produto do produtor, a causa do causado? Para que haja distinção entre os elementos, é preciso que exista alguma característica diferente entre eles e, uma vez que a processão se dá pela multiplicação do ser do produtor, não pode haver diferença entre a constituição do ser da causa e do causado. Assim, *a priori*, a diferença entre causa e efeito se apresenta como diferença de potencialidade¹⁴. Isto porque, para Proclo, é imprescindível que o produto seja inferior, em potência, ao seu produtor. Portanto, se por um lado, na multiplicação das hipóstases a semelhança é necessária, por outro, a dessemelhança também o é¹⁵.

A diferença, então, consiste em potências diferentes, que faz com que os elementos que compõem o sistema procleano façam parte de uma hierarquia, na qual quanto mais próximo o produto estiver da sua causa mais perfeito e potente ele é¹⁶. Isso porque, aqueles que estão mais próximo recebem, em maior grau, a potência produtiva e no mesmo grau em que recebe a potência, recebem o ser da mônada originária. Ao ter um maior grau de ser e de potência, o produtor é, para o que vem em seguida, causa, bem e perfeição; fazendo com que este segundo deseje dele participar e, não somente o deseje, mas necessite de tal participação para alcançar a perfeição. Logo, a correspondência entre perfeição, constituição e participação se estabelece partindo de uma hierarquia, na qual os seres que estão mais próximos do princípio de sua série são superiores e servem como degraus para perfeição daqueles que são produzidos por último.

A perfeição que se dá mediante a participação na causa, como já foi dito, só é possível devido à semelhança entre os termos. Assim, o desejo do produto de participar do seu produtor eleva o produtor ao patamar de bem. No entanto, se o primeiro bem de cada série não pode ser participado, então, como aquele que só existe por meio da participação em outro pode participar daquele que é imparticipado? Tal possibilidade se dá pela existência de um elemento intermediário que, na filosofia procleana, é sempre fundamental. O intermediário, no que diz respeito à participação, é

¹⁴ "Le produit ne peut donc être ni égal ni supérieur à son producteur. Il en résulte que le producteur est d'ordre supérieur à son produit. PROCLUS. *Op. cit.* Proposição 7.

¹⁵ "Le produit ne peut donc être ni égal ni supérieur à son producteur. Il en résulte que le producteur est d'ordre supérieur à son produit". *op. cit.* 1995. Proposição 7.

¹⁶ *Op. cit.* Proposição 37.

posto como participado, aquele pelo qual o participante adquire sua perfeição. Sobre isto é dito: *“Puisqu’il était imparfait avant la participation et est devenu parfait par la participation, le participant est entièrement subordonné au participé, dans l’ordre de la perfection antérieure, il est inférieur au participé qui le rend parfait”*¹⁷.

Tem-se, então, a existência de uma tríade composta por hipóstases por meio de uma causa única, são elas: o imparticipado, o participado e o participante. O imparticipado é, segundo Proclo, aquele que tem em si a razão de sua própria unidade¹⁸. Nele está toda a potência e capacidade de produzir, ou seja, é a mônada¹⁹ de uma série que surge mediante ele mesmo. O que é produzido imediatamente pelo imparticipado é o participado e o que é produzido em seguida, participante. Ambos, participante e participado, são semelhantes ao imparticipado, pois dele recebem sua substância. Entretanto, são dessemelhantes porque, na medida em que saem de sua causa, são potencialmente inferiores a ela. A inferioridade de sua potência é determinante em sua imperfeição. No entanto, é exatamente na imperfeição e contemplação do perfeito que está o desejo de participar.

A tríade referente à participação está diretamente associada àquela referente à perfeição, pois a medida de perfeição é a mesma da participação. Assim, o ser imparticipado corresponde ao Bem; o participado, ao autohipostático²⁰ e; os outros seres, aqueles que têm sua existência partindo de outros, ao participante. Estas tríades, por sua vez, equivalem àquela referente ao Imóvel, Automotor e Heteromotor. O que torna possível a percepção de que, ainda que sejam utilizados termos diferentes, levando em consideração um predicado, o pensador está sempre se referindo ao mesmo elemento dentro de uma série. Ou seja, não importa se remete ao Imóvel, Imparticipado ou Bem, quando se evoca um destes termos, a referência é sempre ao princípio da série e o mesmo acontece com os outros elementos²¹. Por esta razão, por meio de uma unidade, que aparece como Bem, Imóvel ou

¹⁷ PROCLUS. *op. cit.* Proposição 24.

¹⁸ *Op. cit.* 1995. Proposição 23.

¹⁹ Cf. Proclo: A Mônada, na filosofia procleana, é o princípio originário de toda série. É dela que toda multiplicidade, mediante a semelhança, tem origem. *op. cit.* Proposição 21.

²⁰ Autohipostático é todo aquele que existe em si e por si, ou seja, tem em si mesmo a razão de sua existência e constituição, sendo, portanto, perfeito.

²¹ A saber: quando se fala em participado, automotor ou autohipostático, do termo intermediário que faz a ligação entre o princípio. Quando cita os seres cuja existência dependente de outros, está sempre se referindo ao último termo da série, ou seja, o participante que é, também, heteromotor e não é causa de sua própria perfeição.

Imparticipado, surge um elemento que é estreitamente semelhante a ela, pois dele recebe o seu ser.

À vista do exposto, nesta primeira análise, a diferença característica da multiplicidade se mostrou tão somente como resultado da diferença de potencialidade entre produto e produtor. O que se observa, entretanto, ao investigar a multiplicidade, ou mesmo a sua relação com a unidade, é que a diferença que existe nela não se limita a uma desigualdade de potência, como bem se observa na constituição do Noûs e na própria diversidade dos seres. Por isto, é preciso ir mais a fundo na investigação a fim de descobrir a gênese da diferença. Afinal, quando se fala da dessemelhança mediante os graus de potencialidade, tem-se já, anteriormente, uma diversidade presente nas mônadas pelas quais as séries são derivadas. Com o intuito de aprofundar o exame referente à origem da diferença, portanto, é necessário analisar o papel das tríades na geração dos seres.

2. A organização triádica da realidade: sobre o papel de Péras, Apeíron e Mixto

O sistema procleano de hipóstases é disposto em tríades. Não são somente as hipóstases que são ordenadas triadicamente, pois esta forma de organizar perpassa todos os âmbitos da filosofia do Bizantino. Prova disto é a relação que dá origem a toda realidade, a saber, o movimento de processão que, como visto, é constituído por três momentos indispensáveis e indissociáveis. Além da tríade presente no movimento de processão, a própria realidade incorpórea é sistematizada desta forma, sendo composta por três hipóstases: divina, inteligível e psíquica. Cada uma das realidades mencionadas guarda particularidades que só dizem respeito a elas mesmas. Porém são semelhantes na perspectiva de ser, cada uma, subdividida em tríades.

Por estar presente em todos os momentos da teoria do Diadoco, o entendimento das tríades é essencial para que o pensamento do autor seja compreendido, principalmente quando se trata da concepção do desdobramento da multiplicidade mediante a unidade. Sobre a importância das tríades na tese procleana, Bezerra faz a seguinte afirmação: “*chegamos, assim, à ideia das tríades como mediação entre a multiplicidade constante das coisas e a unidade superior a todo devir*”²². A tríade, como movimento de processão, é o

²² BEZERRA. Cícero Cunha. *Compreender Plotino e Proclo*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 118.

elemento motor da participação, haja vista ser determinante na constituição dos seres. Tal constituição, por sua vez, está diretamente relacionada à mobilidade dos termos que compõe a realidade incorpórea e corpórea. A estrutura triádica, portanto, faz existir uma mediação dinâmica que proporciona a continuidade ontológica daquilo que é produzido, permitindo o contato do Uno com tudo o que vem em seguida. Neste sentido, Caram assegura que “o sistema procleano é uma trama de relações”²³.

É esse complexo de relações que permite a causalidade, pois os encadeamentos não possuem um caráter temporal, uma vez que não se trata de um antes e depois relativo ao vir-a-ser, mas tão somente a uma questão lógica explicativa. Assim, a passagem da unidade à multiplicidade é feita mediante o estabelecimento de um sistema no qual, partindo da unidade, um atributo é gerado e mantido por meio das tríades, permitindo que a comunicação se estenda do primeiro ao último termo de uma ordem. É importante observar, entretanto, que sendo o Uno a Causa Prima, ele transcende a todas as realidades, de maneira a estar separado de qualquer ordem. Ou seja, não se pode dizer que o Uno faz parte de qualquer série da realidade incorpórea, pois transcende a todas. Trouillard, neste sentido, defende que o Uno não está em nenhuma ordem a qual produz²⁴, diferente das demais causas que são o centro de suas ordens.

No que respeita à realidade supra-sensível, a primeira hipóstase que descende diretamente do Uno é a divina, o universo das hénadas. Depois delas, há a realidade inteligível e, em seguida, a psíquica. A hipóstase divina é aquela na qual se encontra o início da multiplicidade, embora seja apenas uma multiplicidade quantitativa. E, mesmo que sejam muitas, elas se caracterizam pela unidade, dado que é a primeira esfera que surge através do Uno. Neste sentido, com base na ideia de que o Uno é Deus²⁵ e Bem, Proclo defende que a multiplicidade dos deuses é unitária²⁶, tendo

²³ CARAM. *op. cit.* 2014. p. 105.

²⁴ Cf. TROUILLARD. Jean. *La mystagogie de Proclus*. Paris: Les Belles Lettres, 1982. p. 54.

²⁵ É válido lembrar que apesar de ser denominado Deus, o Uno só possui esta nomenclatura por ser causa e, portanto, dar origem e manter todos os seres; além de ser objeto de desejo de todos, uma vez que é o Sumo Bem.

²⁶ O caráter transcendente do Uno o leva a ser considerado como Deus, mas um deus que transcende a todos os deuses por ser Causa Primeira e objeto de desejo de todas as coisas, de modo a estar acima de toda ordem. Os primeiros elementos que são deles originados são as Hénadas que, embora extremamente semelhantes a ele, lhe são potencialmente inferior. Elas têm, assim, o papel intermediário entre a realidade divina e inteligível, sendo assim,

em vista que o Diadoco não concebe saltos entre os termos da processão e as Hénadas são as primeiras coisas produzidas. Após as Hénadas, há a realidade inteligível onde se encontra a diversidade de maneira mais concreta, tendo em vista que nela há inúmeras organizações nas quais o início da diversidade dos seres é manifesto.

A estrutura lógica da realidade inteligível procleana é interpretada, por Caram²⁷, como o fundamento de toda hipótese, pois a divisão em Ser, Vida e Intelecto tanto reflete os momentos da processão quanto o ciclo das almas²⁸ e o mundo do devir²⁹. Assim, a indispensabilidade da tríade inteligível não se refere somente à sua influência no que é engendrado em seguida, mas à unidade presente no Espírito e na totalidade do cosmo. Por esta razão, a ordem inteligível encontra na tríade Ser, Vida e Pensamento sua unidade fundamental, na medida em que pensamento e ser estão unidos de tal forma que o pensamento é sempre pensamento do ser e o ser é sempre ser do pensamento. Deste modo, “[...] na Inteligência estão ambos, Ser e Vida, por participação, e cada um deles intelectualmente, pois o ser da inteligência é cognoscitivo e sua vida é conhecimento”³⁰. A unidade entre Ser e Pensamento dá ao *Noús* a dinâmica que se manifesta como a vida que se faz presente no Espírito e que medeia a relação entre aqueles dois termos³¹.

Proclo assegura a unidade do Espírito ao declarar que cada um dos elementos que o compõe está presente nos demais, embora chame atenção ao fato de que, mesmo que tudo esteja em tudo, cada um está em seu modo próprio. O Diadoco, então, apresenta três maneiras de existir: essencialmente, vitalmente e intelectualmente³². Cada modo corresponde a um elemento que faz parte da esfera inteligível e a ligação entre os três só é

múltiplas quanto sua quantidade, mas unitárias quanto aos seus atributos, pois os únicos que podem ser percebidos são bondade e unidade. PROCLO. *Op. cit.* Proposição 113.

²⁷ Cf. CARAM. *op. cit.* 2014. p. 107.

²⁸ Para Proclo “*Toda alma é uma substância vital e cognoscitiva, um princípio de vida substancial e cognoscitiva, e um princípio de conhecimento por ser uma substância e um princípio de vida*”. PROCLO. *op. cit.* proposição 197 (tradução nossa). Cf. TRUILLARD. O ciclo da alma é composto por ser ou substância, vida ou potência e pensamento ou atividade. p. 60, 68.

²⁹ Cf. TRUILLARD. *op. cit.*, 1982.p. 60. As ordens do reino do devir são: mineral, vegetal e sensitivo.

³⁰ PROCLO. *op. cit.* Proposição 103 (tradução nossa).

³¹ “*Sin el acto de la vida que opera la mediación entre los dos elementos, el espíritu no tendría ninguna conciencia del próprio ser e de la própria esencia. [...] Ella, en cuanto pensante e y existente, funda el acto de identidad que ocurre entre el ser y el espíritu, y deviene mediadora de la triadicidad del νοῦς*”. CARAM. *op. cit.* 2014. p. 117.

³² Cf. PROCLUS. *op. cit.* 1995. proposição 103.

possível porque cada um deles é formado pelos mesmos princípios: Limite e Ilimitado. Desta maneira, é possível dizer que cada elemento que faz existir a tríade do Espírito é formado por outra tríade cujos princípios são comuns. Ou seja: 1) finito, infinito e Ser; 2) finito, infinito e vida e; 3) finito, infinito e pensamento³³, são tríades que produzem tríades.

Limite e Ilimitado são a díade pela qual se manifesta o Uno. São o princípio de todo ser e, por esta razão, são os elementos centrais para a explicação da produção da multiplicidade, haja vista o Uno só produzir semelhantes³⁴. Esses dois princípios são causa de todo ser, além de serem a primeira manifestação do Uno, de maneira que tudo que se segue é composto por eles. Neste sentido, D'Ancona atesta que "*Ces deux principes, consideres par Proclus comme Supremes en tant que responsables de chaque manifestation de stabilité et de changement dans l'univers tout entier*"³⁵. Para Proclo, até as Hénadas, que estão no mesmo plano do Uno, por fazerem parte da realidade divina, procedem dos dois princípios³⁶. Mesmo que os dois princípios só sejam percebidos nos seres, ou seja, como mistura, entretanto, cada princípio existe por si mesmo e independente um do outro³⁷ - o que leva à necessidade de analisar cada um isoladamente.

Perás, ou o Limite, é a causa da semelhança com o Uno que, segundo Berger, representa o Primeiro Princípio por sua estabilidade e concentração em si mesmo, dando a todos que dele participa integridade, unidade e estabilidade. Por tais donativos, que concernem a suas próprias características, ele é análogo ao uno e ao mesmo³⁸. Assim, a ação do limite, por também ser entendido como determinante, consiste na unificação. Estas características são do Limite como existente em si e por si, separado do Ilimitado³⁹. O que acontece é que Limite e Ilimitado, no entanto, na esfera do real só podem ser encontrados unidos, pois só sua união ocasiona o primeiro ser, o Ser verdadeiramente ser⁴⁰. Porém, antes da mistura, como assegura Proclo, é necessário que tais princípios existam em si e por si mesmos, ainda que sua ação só se realize na mistura. Mas, antes de passar

³³ Cf. BERGER, A. Proclus, exposition de sa doctrine. Paris : Imprimeur de Bourgogne, 1840. p. 44.

³⁴ Cf. BEZERRA. *op. cit.* 2006. p. 120.

³⁵ COSTA, Cristina D'Ancona. *Recherches sur le liber de causis*. Paris: Librairie philosophique J. VRIN, 1995. p. 60.

³⁶ Cf. PROCLUS. *op. cit.* 1995. proposição 159.

³⁷ Cf. *Ibid.* proposição 90.

³⁸ Cf. BERGER. *op. cit.* 1840.p. 41.

³⁹ Cf. PROCLUS. *op. cit.* 1995. proposição 90.

⁴⁰ Cf. COSTA. *Op. cit.* 1995.p. 61.

para o exame da mistura e sua necessidade, é preciso discorrer sobre o Ilimitado.

Sendo o Limite responsável pela estabilidade e unidade do ser, o Ilimitado, ou *apeíron*, diz respeito à potência (*dynamis*). É ele que possibilita o sair da unidade para a multiplicidade, por ser uma potência geradora, sendo imagem da fecundidade do Uno. De acordo com Berger, o ilimitado é análogo ao múltiplo e ao outro⁴¹. Semelhante ao Limite, ainda que o Ilimitado exista substancialmente, diferente e separado de qualquer mistura, ele não se manifesta separado do seu oposto, pois, ao ser indeterminação, necessita de um objeto pelo qual ocorre sua manifestação. Ressaltando, então, o caráter de inseparabilidade destes princípios nos seres, Caram assevera que "*La ilimitación nunca existe apartado del límite; límite ilimitación y su combinación reaparecen en todos los niveles de la realidad*"⁴². Desta feita, o que se evidencia é que toda existência na esfera inteligível, assim como o que vem depois dela, só é compreendido através desses dois princípios.

Limite e Ilimitado, por serem os primeiros derivados do Uno, engendram a esfera Inteligível e, conseqüentemente, toda diversidade dos seres. Isto ocorre porque, mesmo que o Uno só produza unidades, tais unidades se singularizam mediante a ação do Limite que, por sua vez, só pode atuar, no sentido de causar novos seres, através da ação do Ilimitado. E o Ilimitado, ainda que relativo à potência geradora, só se manifesta quando presente nos seres, ou seja, quando sofre a do limite⁴³. É, portanto, partindo do Limite e do Ilimitado que todas as realidades, sejam da esfera corpórea ou incorpórea, vem à existência; porém, o limite que se encontra nos seres não é um Limite puro e com o Ilimitado acontece o mesmo. Tem-se, agora, a tríade que compõe o universo: Limite, Ilimitado e Mistura.

Os dois princípios não se manifestam na esfera do real em sua substância pura, o que os leva a dar origem a um terceiro que é, na verdade, a síntese dos seus antecessores. Assim, o terceiro termo, como elemento de mediação e síntese do que vem anteriormente, está presente em todas as relações triádicas. No caso de *péras* e *apeíron*, tem-se a mistura que, na filosofia procleana, aparece como o verdadeiro ser. É, portanto, no Ser verdadeiro, que a unidade característica do Primeiro princípio é salvaguardada

⁴¹ Cf. BERGER. *op. cit.* 1840.p. 41.

⁴² CARAM. *op. cit.* 2014. p. 114.

⁴³ Cf. PROCLUS. *op. cit.* 1995. proposição 92.

sem que a diversidade do que vem em seguida seja posta em xeque⁴⁴. No entanto, como já mencionado, o reino divino, ou seja, das Hénadas, também é formado através dos dois princípios. Desta maneira, a diversidade dos seres, para ser compreendida, deve ser analisada nestes dois elementos, a saber: nas Hénadas e no Ser verdadeiramente ser, pois eles não são apenas manifestações do Uno, mas dos princípios pelo qual são formados.

3. A origem da diversidade dos seres

O Ser, como síntese de limite e ilimitado, mesmo que encerre em si a unidade, apresenta os dois princípios em relação, pondo em evidência a dualidade que advém de seus componentes⁴⁵. A dualidade faz do primeiro ser, como tudo o que vem em seguida, uma tríade que, mesmo sendo encabeçada pelo Ser, tem em sua substância Identidade e Diferença. Logo, o Ser, nesta perspectiva, se apresenta como uma unidade de contraposições, dado que não possui somente o Limite e Ilimitado como pertencentes a si, mas também Identidade e Diferença, o que leva a ter, em sua constituição, ser e não-ser⁴⁶. É importante observar, porém, que Platão já havia apresentado um *não-ser* que não dizia respeito a um inexistente.

Platão, no diálogo *Sofista*, ao investigar a natureza do Ser, chega à conclusão de que tudo, pela participação, é ser e, simultaneamente, não-ser. Para tanto, considera que o Ser pode ser participado por inúmeros gêneros, dos quais o fundador da Academia lista: movimento, repouso, diferente e idêntico. O sentido do ser e não-ser ocorre porque todos os gêneros são seres pela participação no Ser e, ao mesmo tempo, são não-ser por serem diferentes dele⁴⁷. Com este raciocínio, Platão chega à tese de que o não-ser não é pura nulidade, sendo, portanto, algo diferente do Ser, embora participe dele⁴⁸. Proclo segue uma teoria semelhante. Nos *Elementos de Teologia*, o Bizantino classifica todas as coisas em unas, unas

⁴⁴ Cf. CARAM. *op. cit.* 2014. p. 114-115.

⁴⁵ De acordo com o Diadoco, o ser por caracterizar-se como misto de limite e ilimitado tem em si estas duas características que nele são indissociáveis. É dito: “S’il a une infinie puissance, il est évidemment infini, et sous ce rapport il est forme d’infini. S’il est indivisible et semblable à l’un, sous ce rapport il a parta u déterminat”. PROCLUS. *op. cit.* 1995. Proposição 89.

⁴⁶ Cf. CARAM. *op. cit.* 2014. p. 114.

⁴⁷ *Sofista* 255e-256e.

⁴⁸ É necessário, para Platão, que todos os gêneros participem do Ser, sob a pena de sua não existência. Neste sentido, ao passo que todos os outros gêneros são ser, pela participação, o Ser não participa de nenhum outro gênero, pois ele é causa e, se participasse de algo mais, seria diferente de si mesmo.

e não-umas e não-umas e umas, de acordo com a participação na unidade. Ao fazer isto, ele não considera aquilo que é denominado como não-uno como nada⁴⁹, de modo a somente estabelecer uma diferença entre o que é pura unidade e o que, de alguma maneira, participa da multiplicidade. Platão, sobre o sentido da negação em casos como o do não-ser e não-uno, esclarece:

Estrangeiro: Quando dizemos *não-ser* nos referimos, suponho, não a algo que seja o oposto do ser, mas somente a algo diferente. [...] Portanto, quando nos disserem que o negativo significa o oposto, discordaremos. Somente admitiremos que a partícula *não* indica algo diferente das palavras às quais serve de prefixo, ou melhor, diferente das coisas às quais os nomes que se seguem à negação são aplicados⁵⁰.

Platão, ainda no *Sofista*, assegura que a natureza do Diferente é fragmentada, pois, quando manifesta nos seres, não se revela como diferença. Isto significa que o Diferente, quando buscado em algo que é analisado por si mesmo, se mostra como seu contrário, ou seja, como idêntico; fato que só não ocorre quando ponderado por meio da negação. Como exemplo, tem-se o momento que objetiva investigar o diferente do branco e, para esta razão, passa a investigar o preto. Este, por sua vez, não só o seu diferente, mas o seu oposto, ou seja, o preto, quando visto fora de sua relação com o branco, não aparece como diferente dele, mas como idêntico a si mesmo. Desta feita, a diferença, ao ser estudada nas coisas, não se encontra como tal, já que o que se manifesta é o ser da coisa investigada. O sentido do Diferente só é alcançado quando, na busca por ele, não se predica os atributos daquilo que se entende por diferente, mas o anuncia mediante a negação.

Ao buscar a natureza do diferente se chega ao Idêntico, devido o caráter positivo da afirmação, de sorte que o Diferente só pode ser compreendido na negação. Deste modo, em Proclo, ao estudar a tríade que corresponde ao Ser, Identidade e Diferença; levando em consideração que Identidade e Diferença são inerentes ao Ser; a causa da diferença entre os seres se revela como o princípio do Limite, dado que ele é quem dá singularidade através do ato de determinar. Proclo, sobre o

⁴⁹ A unidade, para Proclo, é o que faz existir todas as coisas, neste sentido, negar a unidade do que quer que seja significaria negar a existência da coisa. Quando o Diadoco, todavia, se refere ao não-uno ele segue a mesma linha de raciocínio que Platão quando se refere ao não-ser.

⁵⁰ *Sofista* 257b-c.

papel do Limite, argumenta: “[...] pero el límite define, circunscribe y sitúa cada cosa en sus propios confines; [...] de suerte que cada uno de los seres tiene una cierta naturaleza, una definición, una propiedad y un orden propios por el primer límite”⁵¹. Tornando clara a correspondência do Limite na singularidade e particularização dos seres, tem-se a seguinte questão: se é o Limite que dá singularidade ao ser, qual o papel do Ilimitado?

O Ilimitado não diz respeito ao estado dos seres, mas de sua potência. Neste sentido, Proclo assegura que o grau de potencialidade é proporcional ao de Unidade. Esta potência, no ser, não é pura, pois, por ordem de necessidade, participa do Limite. Logo, se pode dizer que, por ser potência, ela só existe através daquilo que já está em ato. O Diadoco menciona, assim, dois tipos de potências: as infinitas e as finitas; sendo as infinitas aquelas que estão nos seres que tem maior participação no limite. O Sucessor Platônico, no entanto, chama atenção ao fato de que, apesar de se falar em potências infinitas, estas só o são para os seres inferiores, pois para o ser de potência infinita e para os seus superiores tais potências não são infinitas. Isto se dá porque os inferiores não conseguem compreender a totalidade dos seres que o são superiores, já o ser ao qual a potência ‘*infinita*’ pertence sabe seu limite, assim como o sabem os que lhe são superiores, ou seja, uma potência só aparece como *infinita* para os seres inferiores que não conseguem compreender seus limites⁵².

O Ilimitado, na qualidade de potência, proporciona a saída do Uno em direção à multiplicidade, provocando a comunhão e conexão entre tudo que existe. Pois é a potência geradora, ao ser indeterminada, ou seja, não tendo nenhuma característica específica, que perpassa todas as coisas estando, portanto, presente em todas. Ao estar presente em tudo, dá a possibilidade de reunificação de tudo o que existe. Isto posto, a identidade pode ser analisada em dois sentidos: 1) como potência que atravessa todos os seres, dando a todos um caráter comum e, 2) como identidade dos seres consigo mesmos. O primeiro sentido é oriundo do Ilimitado; o segundo, do Limite que particulariza cada ser. Logo, o duplo caráter da identidade torna possível a percepção de que, ainda que opostos, Identidade e Diferença não se anulam.

⁵¹ PROCLO. *Lecturas del Crátilo de Platón*. Edición de Jesús M. Álvarez Hoz, Ángel Gabilondon Pujol y José M. García Ruiz. Madrid: Akal, 1999. XLII.13P. 20 - 25.

⁵² Cf. PROCLO. *op. cit.* proposição: 91, 93.

A diversidade aparece na hipóstase inteligível mediante a ação dos princípios do limite e do ilimitado, que fazem da potência que sai do Uno uma unidade, delimitando-a e singularizando-a frente ao todo. Fica, todavia, a questão: porque há diferenças entre os seres que são particularizados pela ação dos dois princípios? Com a explicação da diferença como parte integrante do ser, fica claro que a diferença tem sua primeira expressão nele, porque o limite determina aquilo que já é pela possibilidade, ou seja, age como uma atualização. Os princípios são, pois, responsáveis pela forma, não pela diversidade da multiplicidade propriamente dita. Logo, se o Ser é o primeiro componente do inteligível, só resta recorrer ao primeiro elemento incorpóreo, ou seja, elevar a análise para o plano divino, já que o inteligível é a consumação daquilo que já existe como causa no divino.

De fato, toda multiplicidade, Proclo repete, enquanto tal, faz tudo dessemelhante do Uno; por consequência, ela é derivada do Uno não diretamente, mas através de um princípio de mediação. Este princípio se assemelha ao Uno enquanto unidade que engendra certa multiplicidade particular, e se assemelha à multiplicidade enquanto possui as características de modo arquetípico ⁵³.

As Hénadas, ou unidades divinas, são este princípio e, portanto, a primeira multiplicidade. Elas não possuem, porém, atributos, de forma que esta passagem só pode ser constatada numericamente. Assim, a multiplicidade surge na própria realidade divina, uma vez que as Hénadas são determinações divinas e, como tal, cooperam com o Uno, que está acima de toda ordem, na produção dos seres. Consequentemente, do Uno os seres recebem sua existência e das Hénadas, seus predicados através da participação. Sobre isto, é dito "*así es la hénade la que impone su propio carácter a los existentes participantes y despliega existencialmente en el último la cualidad que él mismo posee supra-existencialmente*"⁵⁴. Por conseguinte, toda diversidade existente na esfera do real já se encontra nas Hénadas de maneira germinal. À vista disto, para cada Hénada participável existe um ser participante, o que

⁵³ "De fait, toute multiplicité, Proclus le répète, est en tant que telle tout à fait dissemblable de l'Un; par conséquent, elle dérive de l'Un non directement, mais à travers un principe de médiation. Ce dernier ressemble à l'un en tant qu'il est l'unité qui engendre cette multiplicité particulière, et ressemble à la multiplicité en tant qu'il en possède les caractères de façon archétypique". COSTA. *Op. cit.* 1995.p. 87.

⁵⁴ PROCLUS. *op. cit.* proposição 137.

proporciona o desenvolvimento da característica fundamental de cada série⁵⁵.

A diversidade dos seres, portanto, na esfera incorpórea não se trata da ação do movimento de geração, como acontece na realidade corpórea. A diversidade nasce como realizar-se daquilo que já existe como causa, nas Hénadas, por intermédio da ação dos princípios do Limite e Ilimitado. Logo, não se pode dizer que há uma mudança nos seres no domínio da inteligibilidade, mas uma passagem da potência ao ato possibilitada pelo mister de limite e ilimitado. Desta forma, o Uno, por ser causa Suma, dá existência a tudo e as Hénadas, pela participação, dá os atributos que já existem nelas mesmas em forma de causa. Quanto aos princípios do Limite e Ilimitado, a eles cabe o papel de manifestar tais atributos, na medida em que delimitam o ser singularizando-o. Com isso, tais seres serão idênticos à mônada de sua ordem e à totalidade das coisas por possuírem unidade e também são diferentes por sua particularização. Tal diferença, contudo, só pode ser percebida quando analisada a totalidade dos seres.

Conclusão

Ante o exposto, o que pode ser concluído é que, ainda que o sistema procleano seja regido por multiplicação pela semelhança, pois é do Uno que toda multiplicidade tem origem, isto só é possível porque seu sistema consiste em uma trama de relações. Ocorre que o movimento de processão não diz respeito a um movimento ontológico, isto é, não se trata de uma saída da unidade em direção à multiplicidade por meio de uma sucessão de eventos. O que pode ser percebido quando é dito que não há um antes ou depois relativo aos momentos da processão. O fato de não existir um antes ou depois no movimento de processão, todavia, não implica em uma estabilidade no sistema do Bizantino, pelo contrário, seu sistema é marcado pelas relações entres os termos. Sendo por meio das tríades que tal relação adquire dinamicidade.

Assim, se por um lado, a realidade supra-sensível é marcada pela imobilidade, com exceção da Alma, que é automotora, por outro, ela também é marcado por tríades que permanecem em constante relação. De modo que a relação dialética existente entre os termos das tríades é o que possibilita a origem da diferença na hipóstase inteligível, dando a ela

⁵⁵ *Op. cit.* proposições 131, 135.

um caráter dinâmico que lhe possibilita atributos além da unidade e bondade. Porquanto, ainda que a imobilidade esteja presente na realidade supra-sensível, no sentido de não existir um movimento de geração, a relação entre os princípios oriundos diretamente do Uno, *péras* e *apeíron*, possibilita tanto a passagem da unidade à multiplicidade quanto a diversidade de seres existente. Ou seja, é a relação dinâmica que permite a existência do diferente e ao passo que proporciona o diferente, viabiliza, também, o idêntico.

Logo, o que se pode concluir é que no que concerne à realidade sensível toda a diversidade advém do movimento, seja o de geração e corrupção, seja o de deslocamento, já na realidade supra-sensível a diversidade é oriunda das relações. Considerando que, é na relação dos princípios que constitui os seres que os predicados passam da potência ao ato, conservando característica dos princípios que o constitui. Neste sentido, todo ser é, ao mesmo tempo, o resultado de seus princípios e algo diferente deles. De modo que é na relação que o *Outro* e o *Mesmo* têm existência, sendo também por ela que é possível chegar não só ao ser em particular, mas a totalidade dos seres.

Referências Bibliográficas

BERGER, A. Proclus, exposition de sa doctrine. Paris: Imprimeur de Bourgogne, 1840.

BEZERRA. Cícero Cunha. *Compreender Plotino e Proclo*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CARAM. Gabriela de los Ángeles. *La continuidad ontológica en el pensamiento de Proclo*. THÉMATA. Revista de Filosofía. N° 49, Enero-Junio. 2014. pp.: 105-125. Disponível em: <http://institucional.us.es/revistas/themata/49/estudio_6.pdf>. Acesso em 09 Jul. 2015.

COSTA, Cristina D'Ancona. *Recherches sur le liber de causis*. Paris: Librairie philosophique J. VRIN, 1995.

REALE, Giovanni. *Plotino e o Neoplatonismo: história da filosofia grega e romana – vol. III*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2008.

PROCLUS. *Éléments de Théologie*. Traduction, introduction et notes par Jean Truilland. – Paris: Aubier, 1995.

_____. *Lecturas del Crátilo de Platón*. Edición de Jesús M. Álvarez Hoz, Ángel Gabilondon Pujol y José M. García Ruiz. Madrid: Akal, 1999.

PLATÃO. *Parmênides*. In: *Diálogos IV: Parmênides (ou formas); Político (ou da realeza); Filebo (ou do prazzer); Lísis (ou da amizade)*. Tradução, textos complementares e notas de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2009.

_____. *Sofista*. In: *Diálogos I: Teeteto (ou sobre o conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofista)*. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. – Bauru, SP: EDIPRO, 2007.

SILVA, Francisca Galiléia da. *AFLATUN: Trajetória e características de Platão na filosofia árabe*. Kairós: Revista Acadêmica da Prainha. Fortaleza. v.9, n.1. Jan-Jun: 2012.

TROUILLARD. Jean. *La mystagogie de Proclos*. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

**Francisca Galiléia Pereira da Silva*

Doutora pela Universidad Complutense de Madrid.

Professora da Faculdade Católica de Fortaleza.

soeudaimonia@hotmail.com

**Jan Gerard Joseph ter Reegen*

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Professor emérito da Universidade Estadual do Ceará e Coordenador de Pós-Graduação e Extensão da FCF.

jan.gjtr@gmail.com

**Suelen Pereira da Cunha*

Mestranda pela Universidade Federal do Ceará.

suelenldp2011@gmail.com